

ST GÊNERO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES ÉTNICOS-SOCIAIS

O Impacto da Abordagem Interseccional na Compreensão das Questões de Gênero no Ceará Científico

Cicera Lima Araújo

Universidade Federal do Cariri – UFCA, cicera.araujo1@prof.ce.gov.br

Bárbara Almeida Oliveira

Universidade Regional do Cariri – URCA, barbaralmeidaoliveira@gmail.com

Resumo

O presente relato de experiência tem como finalidade apresentar os usos do conceito de interseccionalidade na estruturação dos projetos para o Ceará Científico desenvolvidos na EEMTI José Waldemar de Alcântara e Silva, localizada no interior do estado do Ceará, na cidade de Salitre. A inserção do conceito na estruturação de três projetos desenvolvidos pelos estudantes da escola permitiu a inclusão de marcadores sociais e econômicos que não se restringem apenas à dimensão de gênero ou à dicotomia masculino-feminino. Os projetos sobre violência de gênero, monoparentalidade feminina, saúde mental, relações de trabalho trouxeram para o contexto escolar um conjunto de discussões sustentadas em perspectivas múltiplas da problemática debatida. Por essa ótica, o presente relato apresenta como objetivo geral discutir os conceitos de interseccionalidade através das práticas de ensino e pesquisa no contexto da educação básica. Enquanto uma produção de abordagem qualitativa de caráter descritivo, utiliza-se da pesquisa bibliográfica na construção do aporte teórico utilizado na construção dos projetos. Isto posto, defende-se a importância e a necessidade de permitir aos educandos desenvolver a capacidade de operacionalizar de forma prática conceitos que atravessam suas vivências cotidianas. Este tipo de prática possibilita compreender a escola como um espaço que vai além das notas, indicadores e pressões por adequação às dinâmicas profissionais, permitindo (re)pensar os projetos e os processos de ensino como formadores de consciência social, histórica e crítica que considerem as diversidades e desigualdades às quais somos submetidos no nosso processo de desenvolvimento.

Palavras Chave: Ensino e pesquisa; Interseccionalidade; Educação Básica; Gênero.

INTRODUÇÃO

Ceará Científico 2024 corresponde ao itinerário que ocorre anualmente no estado, cujo

objetivo é incentivar a produção científica nas escolas públicas do Ceará e ampliar o escopo dedicado à partilha da aprendizagem. No ano presente, a mostra científica tem como tema "Mulheres e Ciências: Caminhos para a Equidade de Gênero", espaço que vem possibilitando debates em torno das noções de gênero, direitos humanos, diversidade e inclusão, quer seja no contexto escolar quer seja nos diálogos e ações realizadas em conjunto da comunidade.

O relato de experiência dos projetos desenvolvidos na EEMTI José Waldemar de Alcântara e Silva no contexto do Ceará Científico possibilita compreender a inserção do conceito de interseccionalidade no processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento dos projetos além de incentivar a pesquisa escolar como meio de estimular discussões críticas sobre questões sociais e de diversidade, traz para o meio escolar temas sensíveis e que atravessam a realidade dos educandos.

As experiências vividas no desenvolvimento durante o processo de pesquisa do Ceará Científico permitem a abordagem do conceito de interseccionalidade em projetos que destacam as questões de gênero, trabalho feminino, violência e saúde mental. Compreendendo nesse percurso que há marcadores que devem ser considerados na busca da equidade e justiça social.

METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa a pesquisa aqui esboçada procura propor aproximação entre teoria da história e a história ensinada através do ensino de história local. A opção pela pesquisa qualitativa considera “o universo dos significados, dos motivos e aspirações, das crenças, dos valores e das atividades” possibilitando a compreensão da natureza do fenômeno social. (MINAYO *et al.* 2011, p. 21).

Por conseguinte, esta pesquisa assume caráter expositivo à medida que tem como finalidade expor o processo de desenvolvimento científico atrelado a um conceito teórico (interseccionalidade) no âmbito da educação básica. (GIL, 2002, p. 42). Com esse intuito, em um primeiro momento, adotar-se-á a pesquisa bibliográfica, visto que se tem a intenção de construção de categorias descritivas, e tal recurso possibilita o alcance mais amplo de uma gama de fenômenos (GIL, 2002, p. 45).

DISCUSSÃO E RESULTADOS (OU OUTRO TÓPICO)

Ao longo dos encontros da disciplina Ensino de História e as Relações de Gênero e da bibliografia debatida foi possível compreender que o conceito de gênero além de não se restringir a

uma divisão binária - o que comumente realizamos por ignorância - é atravessado por uma série de outras categorias determinantes no seu entendimento, ou seja, é interseccional (SCOTT, 1995; WOLFF; SALDANHA, 2015)

Joan Scott (1995) atenta para os sentidos e significados que assume a palavra gênero na sua formação, observando que “as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história”. Isso pode ser visualizado com a nova história ao incluir e apresentar a experiência das mulheres sob a perspectiva do gênero, utilizando-o assim como uma categoria de análise.

Nesse processo a autora supracitada, nos conduz à refletir a partir de exemplos que demonstram os significados e significantes que a palavra vai assumindo no campo epistemológico. A exemplo das formulações elaboradas por historiadores (as) feministas e não feministas. Na busca por entender o conceito de teorias sobre gênero historiadores(as) não feministas se limitam os quadros tradicionais das ciências sociais, alicerçados em formulações guiadas por explicações causais universais, constituindo-se assim teorias de um caráter limitado, uma vez que “tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais” (SCOTT, 1995).

Assim, se constituem duas categorias distintas, em que uma centra-se na descrição “refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade” e a outra vinculada uma “ordem causal”, focada na “natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e porque aqueles tomam a forma que eles têm” (SCOTT, 1995, p. 73-74).

Ainda nessa perspectiva histórica de conhecer a trajetória do sentido e significado da palavra, Scott (1995) atenta para a busca de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980 que usa a palavra “gênero” como sinônimo de “mulheres”.

Os usos descritivos do gênero, seja ideia de gênero vinculada a mulheres, ou como palavra útil na definição de construções sociais, apresentam uma perspectiva reducionista e negligenciam uma diversidade de vivências e identidades que se constituem fora do binarismo “mulher-homem”.

Diante disso, alguns autores e autoras (COLLINS, 2020; LUGONES, 2020) nos convidam a pensar e discutir a impossibilidade de separar da análise e os estudos de gênero das categorias como raça, classe, sexualidade, entre outros, elementos determinantes na formação identitária dos sujeitos.

Nesse sentido, recorre-se a Lugones (2020) ao enfatizar a necessidade de adoção do conceito de interseccionalidade na tentativa de afastar-se de “uma cegueira epistemologia” ao realizar essa separação categorial. Desvencilhando-se de uma análise moderna/colonial do gênero de alcance limitado, alicerçada sobre o poder, estruturado por meio de relações de dominação, exploração e conflito entre diferentes atores sociais proposto na concepção de Aníbal Quijano,

Lugones permite aos leitores desmistificar um determinado quadro analítico que envolve a concepção de gênero. Nesse sentido, a autora atenta que o olhar de Quijano centrado em uma dimensão heterossexual e patriarcal das relações sociais pode ser considerada opressora.

Para tanto, defende-se que “a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial” (LUGONES, 2020, p. 60). Considerando assim que “o eixo da colonialidade não é suficiente para dar conta de todos os aspectos do gênero”(LUGONES, 2020, p. 60).

Nesse sentido, é possível compreender que as noções de gênero e a raça são construções ideológicas interligadas, forjadas e postas, na perspectiva da colonialidade, para manter estruturas de dominação e controle. O que permite questionar essas categorias e reconhecer sua função na perpetuação de desigualdades sociais.

Para além dessa fixação em um determinado “binarismo” biológico, institucionalizado ou não (GREENBERG, 2002, *apud* LUGONES, 2020, p.62-63), observa-se no processo de pesquisa no ensino básico permite trazer para a abordagem pedagógica as dimensões que atravessam a complexidade de determinados temas sobre equidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

A abordagem interseccional permitiu uma compreensão mais profunda das múltiplas camadas de desigualdade que afetam as mulheres, especialmente em contextos de trabalho e saúde mental. A análise que contou com experiências dialógicas com a própria comunidade salitreense revelou como fatores como raça, classe social e identidade de gênero interagem para criar experiências únicas de opressão e resistência. Este entendimento ampliado e sensível à realidade enfrentada por mulheres da própria comunidade permitiu uma compreensão não só acadêmica sobre as complexidades das questões de gênero, mas também uma maior sensibilização por parte dos alunos, alunas e demais envolvidos nos projetos no papel da escola de trazer discussões que corriqueiramente são invisibilizadas.

Ao destacar a interconexão entre fatores diversos, a pesquisa promoveu um ambiente de aprendizado mais inclusivo e reflexivo, evidenciando a necessidade de políticas e práticas que considerem essa complexidade. No entanto, a implementação prática de ações voltadas à temática foi calcada também em dificuldade em integrar múltiplas dimensões de identidade, pela falta de

itinerários formativos para professores e pesquisadores alheios voluntariamente ou não às questões que norteiam o conceito de gênero.

Diante disso, o processo de pesquisa também revelou a importância de continuar promovendo diálogos e debates sobre interseccionalidade no ambiente científico e educacional. A reflexão contínua e a busca por soluções inovadoras são essenciais para avançar na promoção da equidade de gênero e para enfrentar as desigualdades de forma mais eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo:Boitempo, 2020.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas SA, 2002.

LUGONES, Maria. Decolonialidade do Gênero. (IN): HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades-Categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015.